



'Foca na Pauta'

Alunos da Unisantos contam histórias de mulheres no futebol americano

Mulheres se reúnem no CT Meninos da Vila, em Santos, para praticar o 'flag', uma variação do futebol americano que ainda não é muito conhecida no país.

HÁ 4 DIAS · EM EDUCAÇÃO

Garotas 'driblam' preconceito para jogar futebol americano: 'Coisa de homem'

Mulheres se reúnem no CT Meninos da Vila, em Santos, para praticar o 'flag', uma variação do futebol americano que ainda não é muito conhecida no país.



Por G1 Santos*
28/04/2018 06h40 - Atualizado 28/04/2018 06h40



📍 Larissa Pedreira, 'center' do Tsunami Girls, encontrou resistências para poder praticar o flag (Foto: Arthur Faria)

É no gramado do CT Meninos da Vila, em Santos, no litoral de São Paulo, onde treinam atletas de um dos mais tradicionais times do futebol brasileiro, que um grupo de mulheres tem driblado a falta de investimento e enfrentado adversários como o preconceito e a falta de apoio para sonhar com uma carreira no esporte. Elas praticam uma modalidade esportiva ainda pouco conhecida no Brasil, o flag, uma variação mais leve do futebol americano.

O técnico do Santos Tsunami Girls, Luis D'Almeida Aquino, de 35 anos, afirma que vê muita discriminação em relação a esse esporte, que ainda não é praticado em todas as partes do país e não chegou há muito tempo na cidade. "As atletas sofrem diariamente. Eu recebo reclamações praticamente semanais de preconceito na rua e nas redes sociais enfrentadas por elas".

Larissa Pedreira, jogadora do Tsunami Girls, é uma das atletas que enfrentam diariamente esse problema, mas ela tem uma certeza: mesmo jogando contra as adversidades, encara tudo com a mesma força e habilidade vistas em campo. No momento certo, ela ergue os olhos e chega para a disputa. “Eu sei me impor. Se baixar a cabeça, você vai sempre ser chacota para os outros”.

Em seu primeiro contato com o futebol americano, Larissa foi rejeitada por um grupo de meninos que praticava esporte. Houve uma votação para sua entrada no jogo, e ela não conseguiu a vaga. “Eu ficava de olho no campo de futebol”, conta Larissa. “Um dia um menino perguntou por que eu não jogava com eles. Quando cheguei para falar com meu irmão, que também era do time, ele ficou louco. Disse que aquilo era coisa de homem e que eu iria me machucar”.

A família se divide em relação à participação de Larissa no esporte. “A minha mãe não gosta muito. No começo, sempre chegava machucada em casa, porque treinava com os meninos. Na linha deles, sempre tem pancada. Mas, hoje, ela sabe que eu gosto e não tenta bater de frente. Ela tenta me apoiar dentro do possível. Às vezes, reclama por eu preferir jogar do que fazer algumas tarefas de casa”, explica.



Flag consegue juntar famílias nos treinos de domingo à tarde, no CT do Santos (Foto: Gabriel Baltieri)

Larissa começou a jogar em 2012, quando estudava na ETEC de Cubatão. Ela foi incentivada por um professor de inglês que fazia intercâmbio, e que uma vez trouxe um coach (técnico) de futebol americano e um de cheerleader (líder de torcida) para influenciar os alunos. Na época, foi criado apenas um time masculino de futebol americano. Como o campo para as meninas era separado, Larissa ficava sempre de olho, por cima do muro, querendo jogar com os garotos.

Um fator que dificulta a prática e o aperfeiçoamento do esporte na vida de Larissa é a rotina. Ela trabalha 12 horas por dia e ainda tenta arranjar tempo para os treinos físicos. “É complicado, porque eu trabalho de segunda a sábado, das 8h às 20h. Já chego em casa exausta. Tento durante a semana fazer alguns treinos, pelo menos o físico, pois sou uma das mais pesadas do time, e no flag é mais agilidade do que força. Com isso, acabo ficando um pouco para trás”.

O Tsunami Girls leva não só jogadores e torcedores, mas também famílias ao CT do Santos, no Saboó. É lá onde acontecem os treinos, todos os domingos à tarde, sob o comando do técnico Luis D’Almeida Aquino.

A atleta Tamires Cavalcanti da Silva, de 27 anos, atua como quarterback (o equivalente ao capitão do time) e escolheu o flag depois de passar pelo futebol, handebol e basquete. “Esse esporte eu recomendo para qualquer pessoa. Pode jogar quem tem estatura alta ou baixa, e qualquer biotipo físico”.

O esporte

O flag football é uma versão do futebol americano adaptada para as escolas. A diferença principal é a ausência de contato físico entre os jogadores. Também não é necessário utilizar todo o equipamento de proteção. Outra diferença refere-se ao uso de duas fitas (flags) presas a um cinto, que todo jogador leva na cintura. Quando uma dessas fitas é retirada, automaticamente a jogada é interrompida.

O objetivo do jogo é avançar o maior número de jardas possível no campo adversário, até atingir a endzone (zona final), na qual é marcado o touchdown, que equivale a seis pontos. As equipes têm quatro tentativas para chegar ao meio do campo com a bola. Caso consigam, são mais quatro oportunidades para marcar o touchdown.

() Reportagem desenvolvida pelos estudantes Arthur Faria, Gabriel Baltieri, Giovanna Carvalho, Guilherme S. Gebara, Luiz Lordello e Thiago D’Almeida, sob supervisão de Alexandre Lopes, do G1 Santos*



Participantes e torcedores do time do Tsunami Girls, comandado pelo técnico Luis Aquino (atrás, à dir.) (Foto: Gabriel Baltieri)